



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**ONDE ESTÃO OS BEBÊS?
UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Melissa Schneider Scherer

Lajeado, Junho de 2012

Melissa Schneider Scherer

**ONDE ESTÃO OS BEBÊS?
UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia da UNIVATES, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Suzana Feldens Schwertner

Lajeado, Junho de 2012

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa, gostaria de agradecer a aqueles que se fizeram presentes, mesmo que de coração ou pensamentos, muitos foram importantes nesta etapa e foram fundamentais na realização deste sonho.

Em primeiro lugar agradeço minha mãe pelos ensinamentos e pela lição de vida, por me mostrar como ser uma mulher forte e pode ter certeza você mostrou muito bem, sendo pai e mãe por quase toda minha existência. Obrigada.

Não posso deixar de citar meu pai Walter Ademir Schneider (in memorian) por me fazer uma criança feliz, por brincar todos os dias comigo após voltar do trabalho cansado e mesmo assim atender os meus pedidos de criança.

À minha “princesa”, presente maravilhoso de DEUS. Gostaria neste momento de dizer que as vezes que não pude brincar contigo, quando você tanto insistia, tinha um objetivo nobre, escrever sobre “anjos” colocados em minha vida, os bebês objetos de minha investigação nesta monografia.

Ainda tenho a dizer que você me ensinou a ser esta pessoa que sou hoje, me ensinou que para alcançar um objetivo precisa persistir também me ensinou que ser mãe é a melhor coisa do mundo e que para vencer é preciso começar a mudar, por tudo isso obrigada.

Ao meu marido Paulo pela compreensão nestes meses em que estive ausente em pensamento, pelo companheirismo, pela escuta, pelos conselhos que me destes em meu ensaio monográfico, mesmo não entendendo muito sobre bebês suas dicas foram incríveis e pode ter certeza que as ouvi atentamente e em algum lugar em meus escritos tem ideias suas, enfim obrigado por estar ao meu lado neste momento tão importante de minha vida.

À minha orientadora Suzana Feldens Schwerter que sobe atender tão bem às minhas demandas e angústias, as quais foram muitas. Obrigada por elucidar minhas dúvidas sempre com um sorriso no rosto, pela delicadeza em falar assuntos tão sérios e por acreditar neste trabalho.

À minha querida professora Jacqueline Silva da Silva, a qual tive oportunidade de ter como mestre em vários momentos da minha graduação. Apreendi muito contigo e obrigado por me mostrar este caminho lindo com os bebês, sei que compartilho contigo esta paixão.

Agradeço de maneira especial às pessoas envolvidas nesta pesquisa: minha ex- diretora Jeanine Auller por me acolher tão bem durante esta pesquisa e ter a delicadeza de sempre ao falar sobre os bebês, que digo de passagem são suas “paixões”. À professora Raquel Sontag, por ser uma querida amiga de muitas confidências e de pensamentos interligados, também por me entender tão bem, por escutar minhas angústias sobre o tema da pesquisa e também por esclarecer todas as minhas dúvidas sobre as questões envolvidas no trabalho.

À querida Carlena, pessoa esta que já declarei várias vezes minha admiração, por ser um exemplo de profissional da Educação: obrigada por me receber tão bem durante esta pesquisa e ser tão esclarecedora em suas respostas.

À querida Marina Delazeri, pelas explicações sobre o fazer pedagógico com os bebês, obrigada por se fazer presente na vida destes pequenos e fazer com que os momentos que estas crianças passam na escola sejam intensos e inesquecíveis.

Também gostaria de lembrar-se de minha afilhada Isadora, a qual foi um presente que ganhei uns dias antes do Natal de 2008, obrigada pelo seu sorriso e pelos beijos a cada vez que passa por mim ou me vê na Escola, tenho a honra de poder estar perto de ti todos os dias.

À minha tia e madrinha Diva que me incentivou na profissão do magistério e que está presente em todos os momentos importantes da minha vida.

À minha querida tia Erna por ser minha uma pessoa tão presente em minha infância e por toda minha vida, obrigada por ser escolhida por Deus para ser sua sobrinha e agora comadre.

À minhas queridas amigas Lívia e Mariane por me escutarem nos momentos de aflição e por terem sempre uma palavra amiga para dar. Lívia, obrigada por ter entrado em minha vida, pode ter certeza que você foi fundamental em minha trajetória acadêmica, aprendi muito contigo, amiga.

Mari, desculpe não consigo falar Mariani, fica muito formal, obrigado por ser esta amiga querida que sempre me estimulou e me mostrou que sou capaz e que sou importante para alguém, você me ensinou a ser batalhadora e perspicaz.

E, finalmente, aos bebês alvo da minha pesquisa, pelos momentos prazerosos que passei ao lado deles, pelos olhares e por me ensinarem a olhar tudo com outros olhos.

O HOMEM DA ORELHA VERDE

Um dia num campo de ovelhas

Vi um homem de verdes orelhas

Ele era bem velho, bastante idade tinha

Só sua orelha ficará verdinha

Sentei-me então a seu lado

A fim de ver melhor, com cuidado

Senhor desculpe minha ousadia, mas na sua idade
de orelha tão verde, qual a utilidade?

Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda

De um menininho tenho a orelha ainda

É uma orelha- criança que me ajuda a compreender

O que os grandes não querem mais entender

Ouçó a voz de pedras e passarinhos

Nuvens passando, cascatas e riachinhos

Das conversas de crianças, obscuras ao adulto.

Compreendo sem dificuldade o sentido oculto

Foi o que o homem de verdes orelhas

Me disse no campo de ovelhas.

(GIANNI RODARI, *apud* TONUCCI, 2008, p. 13)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um estudo sobre o lugar dos bebês nas escolas de Educação Infantil do município de Lajeado (RS), a partir do olhar e da prática de seus professores e gestores. O estudo tem como objetivo compreender como os bebês são vistos e qual o lugar que eles ocupam dentro das escolas, partindo da ideia de invisibilidade e de não-lugar que esta faixa etária representa nas escolas hoje em dia (Faria, 2007; Barbosa, 2006). Deste modo, a pesquisa investigou as vivências dos bebês nos diferentes espaços da escola e as práticas realizadas pela gestão e pelos professores destas crianças, analisando, assim, se estes profissionais pensam e planejam um lugar de consolidação para a primeira infância, levando em conta todos os seus aspectos: físico, social e emocional. O estudo realiza uma revisão sobre a sala de aula como um único espaço para desenvolvimento de aprendizagem de crianças na faixa etária de zero a três anos, quando pesquisas apontam que as mesmas são potencializadas em diferentes espaços, que devem ser pensados e planejados para receber estas crianças (Horn, 2004; Gandini, 1999). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que os dados foram construídos a partir de observações e entrevistas realizadas com os profissionais de duas escolas de Educação Infantil de Lajeado da rede municipal de ensino. As pesquisas evidenciaram que a prática higienista, escolarizadora e assistencialista continua existindo nas escolas de Educação Infantil, porém pode-se perceber que é possível, sim, uma prática que garanta uma maior presença dos bebês na vida coletiva das escolas de Educação Infantil. Mas para que isto aconteça é necessário planejamento, trabalho em equipe e adequações.

Palavras-chave: Bebês. Escola de Educação infantil. Sala de aula.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A criança sempre vista de cima.....	19
Figura 2:	22
Figura 3: A creche não é um cabideiro.....	40
Figura 4: Criança se nasce.....	499
Figura 5: Bebês de 1 ano interagindo com crianças de 5 anos em um momento no pátio	53
Figura 6: Bebês de um ano no pátio da escola, organizando estratégias em conjunto	54
Figura 7: Bebês de 1 ano descobrindo a escada	56

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1: Diário de campo 1 (escola 1)	42
Quadro 2: Diário de campo 2 (escola 2)	477
Quadro 3: Diário de campo 3 (escola 2)	51
Quadro 4: Diário de campo 4 (escola 2)	58

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
2 UM LUGAR DESFAVORECIDO UMA QUESTÃO HISTÓRICA.	18
2.1 A Educação Infantil nos dias de hoje	23
2.2 Por que este é meu lugar?.....	25
3 ALGUMAS ESCOLHAS: PROCESSO METODOLÓGICO	29
4 MINHA INSERÇÃO NUM ESPAÇO DESCONHECIDO	36
4.1 Em muitos lugares, em muitos espaços... ..	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ONDE ESTÃO OS BEBÊS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL? EXISTE UMA PRÁTICA POSSÍVEL?	57
REFERÊNCIAS.....	62

1 APRESENTAÇÃO

Início este capítulo falando um pouco sobre a escolha proposital da poesia de Gianni Rodari, “O homem de orelhas verdes”, para a apresentação desta monografia.

Gianni Rodari é um pedagogo italiano e autor de vários livros sobre a infância, e é neste ponto que meus anseios de pesquisadora se cruzam com o olhar trazido por Rodari, onde o mesmo se inspira em problematizar a forma como é vista a infância e de perceber e (re) conhecer estas crianças.

Esta poesia, em especial, me remete ao olhar que a escola deve ter para seus alunos, uma escola que ensina a criança a cada dia como se fosse um fato novo, que ensine as crianças a serem crianças e que conservem sempre “a orelha verde”.

O estudo tem como objetivo compreender como os bebês são vistos e qual o lugar que eles ocupam dentro das escolas, partindo da ideia de invisibilidade e de não-lugar que esta faixa etária representa nas escolas hoje em dia.

Conforme constatado em pesquisas nacionais, os bebês quase não saem de sua sala de aula e também participam pouco das programações organizadas pelas instituições (BARBOSA, 2010; FARIA, 2005). Esta afirmação nos faz entrar em um assunto recorrente durante esta pesquisa: o olhar assistencialista e higienista dado a

estas crianças, trazendo para este contexto a fragilidade das mesmas. Este é outro assunto que tentaremos desmistificar durante o estudo, pois esta é a infância que Rousseau (1979) defende a ideia da infância como período inocente da vida, onde a sociedade corrompe a bondade com a qual todas as crianças nascem. Essa visão faz com que os adultos as protejam tanto, construindo, a partir das mesmas, um mundo e um ambiente onde elas sejam superprotegidas e também privadas do contato com espaços que desafiem suas potencialidades.

Rousseau (1979, p. 178) alerta:

[...] nunca sabemos colocar-nos no lugar das crianças, não penetramos em suas ideias, emprestamos-lhes as nossas, e, seguindo sempre nossos próprios raciocínios com cadeias de verdade, só enchemos sua cabeças de extravagâncias e erros.

Retomemos a parte inicial da citação de Rousseau, que traz uma discussão sobre o não colocar-se no lugar das crianças e trabalhar com ideias pré-concebidas do professor sobre o que seja importante para que aconteça um processo de aprendizagem, sem sequer ouvi-las ou percebê-las em suas individualidades e singularidades. Conforme divulga o Ministério da Educação (2009, p. 34) em seu trabalho sobre as Práticas Cotidianas na Educação Infantil, a educação de crianças pequenas vem concretizando suas bases nas seguintes políticas:

- a) Listagem de ações educativas espelhadas no ensino fundamental, sustentadas na fragmentação das áreas do conhecimento.
- b) Ações de vigilância ou aceleração do desenvolvimento infantil com base nas etapas evolutivas.
- c) Ações voltadas prioritariamente para o atendimento às necessidades básicas das crianças.

Para as autoras Barbosa e Richter (2010, p. 90), os aspectos citados acima, revelam “pedagogias adultocêntricas, higienistas, e escolarizadoras, nas quais não há lugar para o reconhecimento dos bebês como seres ativos e interativos”. Os

bebês são, então, desconsiderados “em suas primeiras aprendizagens de convivência no e com o mundo” (BARBOSA; RICHTER, 2010, p. 90).

Diante destas constatações é que me encontro envolvida com esta proposta de estudar a importância dada aos bebês nas escolas de Educação Infantil, pois acredito na possibilidade de uma escola pensada para estas crianças. Entendo, também, que a escola se constitui em um espaço sociocultural, onde se convém perceber os bebês como sujeitos que nela encontram uma dimensão educativa igualmente nas experiências humanas ali presentes.

Cabe ressaltar, neste momento, minha prática como professora de Educação Infantil que teve início no ano de 1996, quando ainda cursava o Ensino Normal. Nesta época, com 16 anos de idade, fui colocada em uma turma com 25 alunos na faixa etária de cinco a seis anos de idade, tudo se encaminhava para ser uma experiência frustrante, pois sabemos que são muitos alunos para uma só professora, mas resolvi que a partir do momento que escolhi esta profissão queria ser uma professora inesquecível e é com este pensamento que sigo até hoje.

Nestes 16 anos de magistério tive pouca oportunidade de trabalhar com crianças na faixa etária de zero a três anos de idade, mas sempre observei muito a prática realizada por minhas colegas com estas crianças e ficava pensando o motivo pelos quais as mesmas não podiam estar convivendo e interagindo com crianças maiores e nem ocupando o mesmo lugar que estas ocupavam.

Estas perguntas me acompanharam até à Universidade e me acompanham até hoje quando busco respostas para estas incógnitas que são base para meu trabalho de conclusão. Por isso a proposta deste estudo me é tão estimuladora e ao mesmo tempo tão angustiante.

Começo a entender que o pesquisador, ou neste caso a pesquisadora, será eficiente e altamente positiva para os propósitos desta investigação se tiver amplo

domínio não só do tema que está buscando estudar, como também do embasamento teórico que serve de apoio, por isso farei um contraponto entre minhas ideias sobre as práticas realizadas por professoras e gestores com os bebês e o que nos revela em seus escritos autores como: Barbosa (2006), Horn (2004) e Kramer (1998) sobre os espaços de aprendizagem nesta faixa etária e os encontros e desencontros entre professores e crianças na Educação Infantil.

Cabe ressaltar neste momento algumas questões sobre estes autores, os quais farão parte de minha pesquisa e que muito têm a contribuir para o entendimento do assunto que me propus desenvolver.

Assim, Barbosa e Richter (2010, p. 19, grifo dos autores) discorrem sobre o assunto:

Resistir à tendência de fazer da Educação Infantil uma escola “elementar” facilitada ou simplificada e investir na proposição de outro modo de pensar e organizar o cotidiano da creche propomos refletir sobre algumas das interrogações que os bebês fazem à educação. A expectativa é destacar o currículo da creche como um lugar e um tempo que tenha como foco não apenas a presença e a participação da criança pequena, mas também a opção pedagógica de ofertar uma experiência de infância rica, diversificada, complexificada pela intencionalidade de favorecer experiências lúdicas e nas múltiplas linguagens, favorecendo a construção de narrativas que possam oferecer sentido à vida e às aprendizagens.

Diante das constatações de Barbosa e Richter (2010) sobre a oferta de aprendizagens lúdicas para crianças pequenas e a riqueza desta proposta é que me encontro envolvida em dar sentido a este trabalho de interação dos bebês no âmbito escolar, pois esta visibilidade dos pequenos precisa ser trabalhada para buscar um lugar diferenciado para os mesmos.

Ainda trago para reflexão os apontamentos de Horn (2004) que traz em sua tese de doutorado uma fala que vejo como crucial para este trabalho que tenta dar visibilidade aos bebês, onde a mesma coloca que as crianças aprendem por interação com seus pares. Por este fato, é fundamental e urgente organizar um

espaço que dê conta desta premissa, permitindo que a criança aprenda em contato com o outro e também se perceba como parte integrante do coletivo.

No trecho da obra de Horn (2003, p. 21) temos a confirmação da importância de se trabalhar com interação:

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que de conta desta premissa, permitindo, que ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor.

Vejo, por minha trajetória de professora, tanto em escolas da rede particular quanto da rede municipal de ensino, a ausência dos bebês no pátio da escola, na praça nos momentos de integração e de brincadeira entre as demais turmas, apresentações, passeios, entre outros momentos importantes oportunizados às demais crianças.

Penso se a proposta para eles, os bebês, é diferente das demais crianças e questiono: será que a escola tem para estas crianças um olhar para realmente vê-las em sua integralidade e potencialidades?

Partindo deste questionamento sobre o olhar que os professores de Educação Infantil devem ter de seus alunos, entendendo as características da faixa etária de sua turma e percebendo os mesmos como seres capazes e detentores de conhecimentos é que trago para análise as “janelas do tempo”, Schields e Rovee-Coller (1992) que narram que para os bebês, toda experiência é uma nova descoberta. Frente a isto, para que aconteça seu desenvolvimento integral, é importante expor os bebês à mesma atividade algumas vezes para que não ocorra o esquecimento. Se não existirem eventos semelhantes aos apresentados anteriormente ao bebê, não acontecerá o que chamamos de aprendizagem, como bem explicam os psicólogos Schields e Rovee-Coller (1992) falando sobre “Janela do tempo”. Onde se entende a mesma como exposição do bebê a um novo evento, em que o período para sua aprendizagem pode ser limitado, ou seja, se o bebê não

vivenciar este evento novamente ou não existirem eventos semelhantes, o bebê poderá esquecê-lo, deixando de integrar todas as informações subsequentes, o que caracterizaria em não aprendizagem.

Analisando os apontamentos Schields e Rovee-Coller (1992), sobre janelas do tempo e realizando um contraponto com a proposta deste trabalho de monografia, sobre problematizar a sala de aula como um único espaço de aprendizagem e interação dos bebês, percebo que se eles, não tiverem possibilidades de estarem em contato com estes locais diferenciados e serem colocados em desafios com as demais crianças, os mesmos não efetivarão a aprendizagem.

Diante destas constatações e frente ao que venho acompanhando e estudando sobre crianças nesta faixa etária, me questiono: como os professores destas crianças problematizam e trabalham estas questões com as crianças e com a gestão da escola? É pensado um espaço desafiador e potencializador para estes bebês, tal como para as outras crianças? Estas questões norteiam meu estudo e serão perguntas de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso.

Tentando me aproximar e entender este fazer pedagógico é que dou continuidade a esta monografia.

O primeiro capítulo do trabalho apresenta algumas questões que nortearam esta pesquisa, trazendo algumas inquietações sobre o tema, como também autores que evidenciam este trabalho com os bebês.

No segundo capítulo, intitulado, *Um lugar desfavorecido. Uma questão histórica*, evidencio um pouco da história do lugar dos bebês, e onde apresento alguns pesquisadores que também já discutiram a invisibilidades dos mesmos e um não-olhar para a primeira infância. Também nesta mesma subdivisão trago um panorama da Educação Infantil nos dias atuais, realizando um contraponto sobre

mudanças ocorridas ou não neste meio. Ainda neste módulo, trago para análise o subtítulo: *Por que este é meu lugar?* Problematicando a sala do berçário como um único espaço pensado para estas crianças. No capítulo ainda encontra-se imagens que ilustram algumas falas da pesquisadora e também que dialogam com os teóricos apontados neste trabalho, as imagens são de Tonucci (1998), onde o mesmo mostra o olhar das crianças sobre o que é feito na Educação Infantil, seus anseios e seus desejos.

No terceiro capítulo, abordo as questões metodológicas que guiaram este trabalho. Neste capítulo são explicadas as escolhas feitas, as observações, as entrevistas, os diários de campo e também o cronograma organizado para a realização desta monografia.

No quarto capítulo, intitulado *Minha inserção em um espaço desconhecido*, relato o contexto onde as pesquisas desta monografia foram realizadas, como também os critérios de seleção utilizados para esta escolha. Apresento também parceiros teóricos para embasar algumas repostas e observações investigadas nestas escolas, realizando assim uma análise mais detalhada sobre o lugar destinado aos bebês para estes professores e gestores entrevistados.

Neste mesmo módulo apresento para reflexão algumas práticas possíveis com os bebês nas escolas de Educação Infantil, apresentando o bebê como protagonista deste trabalho.

Por fim, no quinto capítulo, trago as conclusões e minhas considerações sobre o tema abordado.

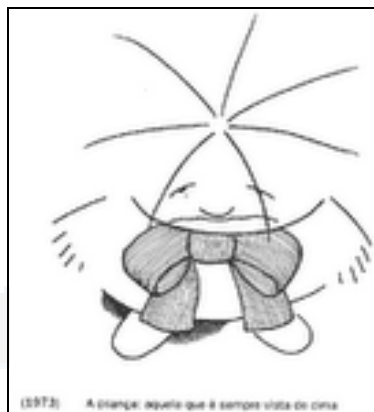
2 UM LUGAR DESFAVORECIDO. UMA QUESTÃO HISTÓRICA

Partindo do pressuposto sobre a invisibilidade dos bebês, onde define-se a palavra invisibilidade pensando em um sujeito que “não é visível” aos olhos da sociedade, é que trago para análise a pesquisa sobre o *Mapeamento e análise das propostas pedagógicas municipais para a Educação Infantil no Brasil*, realizada no ano de 2009 em que 77% dos documentos não evidenciam nenhum aspecto relativo ao tema.

Observa-se que os bebês são citados apenas em relação a três aspectos, conforme evidencia o mapeamento realizado pelo MEC, os cuidados físicos como a saúde, a higienização dos bebês, sua alimentação e ao sono, também traz a questão do vínculo da família quando a criança é um bebê, voltando assim a abordar um assunto recorrente nesta pesquisa, a assistência e o higienismo, que são bases da escola de Educação Infantil se tratando da primeira infância.

Neste momento, permito-me trazer um desenho do psicólogo italiano Francesco Tonucci, que nos traz a imagem de uma criança: aquela que sempre é vista de cima.

Figura 1: A criança sempre vista de cima



Fonte: Tonucci (1973, *apud* TONUCCI, 2008, p. 6)

Ao analisarmos o desenho de Tonucci e retomando as questões sobre o mapeamento e análise das propostas pedagógicas municipais para a Educação Infantil no Brasil, pode-se entender a visão simplificada que os professores e as Escolas de Educação Infantil têm sobre a criança, principalmente aquelas da primeira infância, levando em consideração somente os aspectos relativos ao assistencialismo e deixando em segundo plano o desenvolvimento integral e a singularidade de cada criança.

É neste contexto que encontramos a obscuridade sobre as potencialidades dos bebês, quer seja no âmbito das políticas públicas que negligenciam a primeira infância, ou na visão distorcida que a Escola de Educação Infantil tem sobre o lugar que os bebês devem ocupar neste espaço de vivências múltiplas.

Para fazer uma reflexão mais detalhada sobre o tema *“Onde estão os bebês? Um olhar diferenciado para a primeira infância na escola de Educação Infantil”* que é título desta pesquisa, me debruço nas leituras e apontamentos feitos por Barbosa e Richter (2010), que trazem reflexões sobre o tema e talvez um caminho a ser trilhado pela educação para tornar estes bebês tão negligenciados em cidadãos de direito no convívio com seus pares.

É importante destacar, neste momento, uma fala de Pedrosa (2006) que discorre sobre o assunto deste trabalho, fazendo um contraponto com os pensamentos de Barbosa e Richter(2010):

Durante muito tempo, as formas de comunicação dos bebês, marcadas pela expressividade corporal e motora, foram negligenciadas, orientando ações no interior das instituições que reforçavam uma suposta incapacidade relacional dos bebês com o mundo físico e social. Essas concepções, junto com as ideias de creche como “mal necessário” e da família como único espaço adequado para a educação da criança bem pequena, formavam um terreno fértil para práticas que também ajudavam a constituir um bebê pouco ativo (PEDROSA, 2006, p. 49-67).

Tal fragilidade da Educação Infantil tem um viés profundo em sua história, onde a educação dita de “primeira infância” tem sido ignorada em contraponto com a educação de crianças de quatro a seis anos de idade, trazendo a ideia de que a criança pequena, aqui dita bebê, não é dotada de capacidades e por este fato ficaria em segundo plano nas políticas nacionais (BRASIL, 2009).

No contexto histórico, o olhar do professor de Educação Infantil frente a uma turma de crianças pequenas é meramente higienista e assistencialista, conforme Barbosa (2006). Em sua pesquisa de doutorado, estas visões distorcidas sobre a creche ser um lugar para higiene e assistência incidiram sobre a maneira como as rotinas presentes neste espaço são organizadas, levando em conta a forma de gestão dos asilos e hospitais.

É importante destacar aqui uma fala de Barbosa (2006, p. 123):

Criou-se assim uma creche, que em suas características internas se assemelhava muito mais a um hospital, do que um lugar para crianças sadias. O padrão de creche apresenta, em geral, espaços bem definidos e estanques, onde há uma preocupação com arejamento, o tipo de iluminação, o tamanho das salas, a relação do espaço com o número de crianças, a limpeza constante, a higiene, a saúde e o resguardo do corpo [...].

Reportando-nos há alguns séculos, mais precisamente ao século XII, encontramos uma criança narrada por Ariés (1979) como sendo um adulto em

miniatura, suas feições lembravam a de um homem adulto, as pinturas retratavam um corpo com músculos e com definições masculinas e femininas adultas. Observa-se que nesta época não existia lugar para infância, isso nos faz pensar que naquele período a infância era vista como um período de transição, rapidamente ultrapassado e cuja lembrança é logo perdida.

Embora desde o século XIX a pedagogia tem mostrado maior interesse com a área da Educação Infantil, grande parte destes estudos tem enfoque maior na educação de crianças na faixa etária de quatro a seis anos de idade (BRASIL, 2009), mostrando novamente a fragilidade da educação para a primeira infância.

Percebe-se que nesta fase a importância dos cuidados maternos ainda prevalece, tendo a mãe como melhor cuidadora de crianças na faixa etária de zero a três anos, pois eram consideradas frágeis e dignas de cuidados especiais.

Podemos seguir analisando e problematizando o lugar do bebê e o lugar da mãe na história, eles sempre ocuparam o mesmo lugar? Qual é o lugar que ocupam agora? Partindo da ideia que a mãe era a cuidadora ideal, a qual passaria as primeiras aprendizagens aos bebês e que a creche era um lugar para crianças pobres ou abandonadas (VIEIRA, 1999) é que temos a visão da creche como um lugar desprovido de conhecimento e de interações.

Há de se reconhecer que historicamente o lugar do bebê era ao lado de sua mãe, tendo a creche surgido para auxiliar as mães que não tinham como estar integralmente com os mesmos, mas, sim, participar gradualmente do mercado de trabalho. Com isso a escola, a história de guarda de crianças anterior à escolaridade obrigatória exigida passou a ser vista como prioridade à guarda e ao cuidado e não à interação pedagógica e ao ensino.

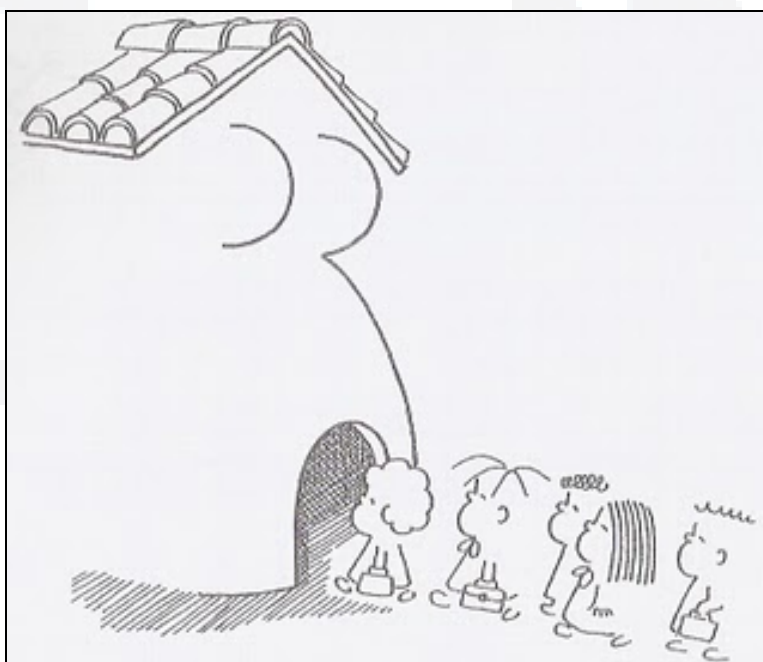
Assim nos traz Vieira (1999, p. 29) falando sobre as creches como lugar de guarda:

No Brasil, como em outros países do mundo ocidental, as creches, enquanto modo de guarda diário de crianças pequenas, nasce vinculada às necessidades do trabalho feminino industrial fora do domicílio, visando também responder a questões diversas como o abandono, a desnutrição, a mortalidade infantil, a formação de hábitos higiênicos e a moralização das famílias operárias.

A título de exemplificação, trago neste momento o desenho de Tonucci (1976) que se percebe coerente com o que vem se discorrendo até este momento, onde a mãe seria a cuidadora ideal e a escola seria uma extensão da casa, trazendo assim um olhar de assistência, higiene e guarda para a escola de Educação Infantil (VIEIRA.1999).

Temos a figura de uma escola sendo a extensão da maternidade.

Figura 2



Fonte: Tonucci (1973, *apud* TONUCCI, 2008, p. 74)

2.1 A Educação Infantil nos dias de hoje

Aqui entramos em um tema muito interessante para este trabalho, pois me proponho a analisar a Educação Infantil, principalmente a creche, onde temos Rizzo (2000), que define creche sendo um ambiente especialmente criado para oferecer ótimas condições que propiciem e estimulem o desenvolvimento integral e harmonioso da criança sadia nos seus primeiros quatro anos de idade

Para iniciarmos um esboço sobre o assunto é importante voltarmos a falar da LDB, a Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996, que coloca a criança como sujeito de direitos em vez de tratá-las, como ocorria nas leis anteriores a esta, como objeto de tutela. Esta mesma lei proclama, pela primeira vez na história das legislações brasileiras, a Educação Infantil como direito das crianças de 0 a 6 anos e um dever do Estado.

Também neste aspecto a Lei 9394/96 nos traz que Educação Infantil (creches e pré-escolas) faz parte da Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Analisando estas questões Campos, Rosemberg e Ferreira (1995) relatam que a subordinação do atendimento em creches e pré-escolas à área da Educação representa, pelo menos no nível do texto constitucional, um grande passo na direção da superação do caráter assistencialista predominante nos anos anteriores à Constituição. No caso específico das creches, tradicionalmente vinculadas às áreas de assistência social, essa mudança é bastante significativa e supõe uma integração entre creches e pré-escolas.

Também podemos analisar a importância da concepção entre o educar e cuidar como um ato indissociável, no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) onde encontramos a seguinte definição sobre o educar:

[...] educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RCN/I, 1998, p. 23).

Já o cuidar tem a definição neste mesmo Referencial Curricular (1998):

[...] valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos [...] Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado. (RCN/I, 1998, p. 24/25).

É necessário considerar, neste ponto, quando falamos da Educação Infantil na atualidade, a visão que temos de criança, pensamos a mesma sendo um cidadão de direitos, um ser com singularidades, inseridas em uma cultura própria e com tempos diferenciados para aprender. Levando estes aspectos em consideração podemos concluir que não temos uma infância, mas sim muitas infâncias.

Essa visão sobre quem são as crianças de hoje em dia é que faz com que pensemos em um trabalho que atue no sentido de favorecer seus crescimentos e constituição, buscando, assim, alternativas para a Educação Infantil que reconheçam e levem em conta o saber das crianças e, portanto, ofereçam atividades significativas, onde o bebê e o professor tenham experiências pedagógicas, sociais e culturais em diferentes espaços e momentos.

2.2 Por que este é meu lugar?

É preciso estranhar o cotidiano ao invés de aceitar tudo que nos é imposto. Por que a sala de aula é o melhor lugar para os bebês estarem? E quais espaços eles devem ocupar?

Partindo da ideia que criança pequena precisa de muitos cuidados, de um local limpo, nos reportamos ao assistencialismo e higienismo, que já foi tema retratado anteriormente neste trabalho. São estas práticas que limitam a possibilidade de vivência múltipla destes bebês em outros espaços que não sejam sua sala e, em alguns momentos, o solário.

Assinalo aqui a oportunidade que os administradores e os projetistas deveriam delegar às crianças, o de projetar e organizar espaços de brincadeiras “jogo” (Tonucci, 2005), pois os adultos não são capazes disto. “É preciso aceitar que os lugares apropriados ao jogo são os espaços verdadeiros da cidade: as escadas, os pátios, as praças, as ruas, os monumentos. [...] é preciso que se tornem utilizáveis, inclusive para crianças (Tonucci, 2005, p. 45).

Pensando no solário¹ da Educação infantil, este espaço é cercado, com paredes e concreto para que as crianças não se sujem, seria mais uma extensão da sala de aula, a única diferença é que os mesmos podem pegar um pouco de sol.

Cabe ressaltar neste momento as palavras de Agostinho (2003, p. 11):

Pensar o espaço da creche, a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, exige que incluamos as crianças, que consideremos suas manifestações e expressões e seus

¹ Solário: espaço anexo à sala do berçário, onde as crianças são levadas para brincar e para pegar sol. Normalmente, este espaço tem o chão concretado e grade ao redor.

pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa da vida.

Retomemos a parte inicial da citação de Agostinho (2003) que relata sobre a importância em pensar os espaços da creche para que eles se tornem um local socialmente construído pelas crianças, mas a realidade com a qual nos deparamos é muito diferente desta, como nos relata a Professora Doutora da Faculdade de Educação - USP/SP, Prado (1998) em sua dissertação de mestrado, que partiu da observação sobre a interação dos bebês no contexto escolar e concluiu que os bebês não participam das atividades da escola, não utilizam o parque e usam o solário somente em dias festivos.

Neste mesmo contexto, Tristão (2006) destacou que os pequenos não têm oportunidade de manter contato com areia, terra, água, sol, vento, elementos básicos da natureza, ficando restritas às quatro paredes da sala de aula.

Também a professora e doutora Simiano (2010), em sua pesquisa, observou que os bebês pouco saem da sala referência (me refiro aqui à sala designada para esta faixa etária), destacando em sua pesquisa falas das professoras, as quais destaco a seguir: “Os bebês precisam aprender a andar primeiro, portanto só poderão usar estes espaços quando forem capazes de transpor os obstáculos exigidos por eles” (SIMIANO, 2010, p. 106).

Ao analisarmos as pesquisas descritas acima, nos deparamos com a realidade das escolas de Educação Infantil, principalmente com a prática realizada com crianças de zero a três anos de idade, onde a invisibilidade dos bebês nos é colocada como um fato que se configurou ou que não se modificou com o passar dos séculos.

A sala de aula tida como um espaço único e privilegiado para que se aconteça aprendizagem se configurou pela tendência da Educação Infantil se valer do modo de organização do ensino fundamental em busca de um trabalho

pedagógico de excelência. Este padrão fez com que a escola para os pequenos se tornasse tão burocrática e sem espaço para o individual dentro do coletivo (GOBATTO, 2008).

Assinalo aqui a importância dos bebês terem um espaço no coletivo e não que a sala de aula como um espaço pedagógico e de encontros seja algo sem importância; mas, sim, que seja repensada em seu uso e que este lugar seja um espaço de acolhida, de refúgio, onde professores e crianças se encontrem para desfrutar de uma relação mais íntima e de trocas mútuas.

Na verdade, existe uma intenção pedagógica de quem organiza os espaços na Educação Infantil, principalmente aqueles que são organizados e planejados para que todas as atividades girem em torno do adulto, desprezando o aluno neste processo, quando entendemos que precisaria ser uma parceria entre aluno e professor, onde o mesmo observa o comportamento de seus alunos e a partir disso organiza estes espaços. Cabe ressaltar aqui a dificuldade de alguns professores em trabalhar com “corpos que se movimentam”; por isso, talvez seja mais interessante ter a sala de aula como espaço único de aprendizagem, se por uma vez sair desta zona de conforto é algo que causa desestabilidade por parte do corpo docente das escolas.

Neste momento permito-me fazer alguns questionamentos sobre a “cerquinha” em sala de aula, analisando a sua função pedagógica ou aparentemente ingênua em seu existir, porém carregada de intenções e de uma concepção distorcida sobre a importância da interação entre as crianças e seus pares. Conforme ressalta Simiano (2010, p. 106): “A cerquinha é um lugar de chegada e encontro e partilha”.

Percebe-se que a cerquinha é um delimitador, pois os bebês precisam ficar em um local protegido e longe dos perigos que a escola oferece já as crianças maiores (quatro a seis anos) podem utilizar todos os espaços da mesma.

Este tipo de constatação nos faz pensar sobre a nossa concepção de educação para crianças de zero a três anos de idade nas escolas de Educação Infantil, o que entendemos como sendo direito delas. Percebe-se, neste sentido, que os professores entendem que o lugar das crianças pequenas seja diferente das crianças de cinco a seis anos, por exemplo, pois estas, sim, se encontram, têm acesso a todos os espaços da escola, participam das programações festivas e têm a sala de aula como mais uma alternativa de local para aprendizagem, diferentemente dos bebês.

Assinalo, ainda, a importância dos professores de Educação Infantil terem sólida formação teórica nos conteúdos especificamente pedagógicos. Isto significa dizer que estes profissionais precisam entender as características de todas as faixas etárias, precisam saber organizar o tempo com seus alunos, saber planejar situações significativas.

Destaco, neste momento, a fala de Horn, Fernandes e Silva (2009, p. 55-56, grifo das autoras) que tratam sobre este assunto:

Acreditamos que a formação permanente dos professores possibilita constante movimento de pensar, repensar, construir, reconstruir, dando ferramentas para que o professor possua “olhar atento a sua prática, mas também, a oportunidade de agir e ver sua escola, seus colegas e seus alunos de maneira diferente”. [...] Assim o desafio que se coloca para a Educação Infantil é da formação (inicial e continuada) dos profissionais que nela atuam [...].

O professor precisa estar em constante aperfeiçoamento e buscando novos rumos para sua prática, pois os alunos necessitam de uma proposta pedagógica que favoreça suas potencialidades e seu desenvolvimento integral.

3 ALGUMAS ESCOLHAS: PROCESSO METODOLÓGICO

Pesquisar é isso.
É um itinerário, um caminho que trilhamos e
com o qual aprendemos muito, não por acaso,
mas por não podermos deixar de colocar em xeque
nossas verdades diante das descobertas reveladas,
seja pela leitura de autores consagrados,
seja pelos nossos informantes, que têm outras
formas de marcar suas presenças no mundo.
Eles também nos ensinam a olhar o outro,
o diferente, com outras lentes e perspectivas.
Por isso, não saímos de uma pesquisa do
mesmo jeito que entramos...

(ZAGO, 2003, p. 183-204)

Iniciei esta pesquisa estudando teóricos e buscando saber um pouco mais sobre esta faixa etária de zero a três anos de idade e pude constatar que existem poucos registros sobre o fazer pedagógico com crianças nesta faixa etária, traçando, assim, um perfil de exclusão dos bebês na literatura e nos estudos acadêmicos.

Desta forma, para este estudo de caráter investigativo, que foi o eixo central de meu trabalho, partirei da pesquisa qualitativa, a qual trabalha com diferentes significados, motivos, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2004).

Pensando sobre a pesquisa qualitativa, Goldenberg (1998, p. 50, grifo do autor) afirma :

Os métodos qualitativos enfatizam as particularidades e um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho

em profundidade dentro de um grupo “bom de pensar” questões relevantes ao tema estudado.

Para que um objeto seja pesquisado é preciso uma mente que a queira entender e a mesma precisa ter um aparato teórico fecundo. Além disto, é preciso problematizar algo, para que ele possa ser entendido como um objeto interessante para investigação, no caso a invisibilidades dos bebês na Educação Infantil (COSTA, 2002). Portanto, é dentro deste universo que utilizei as entrevistas com professores e gestores de escolas de Educação Infantil, de crianças na faixa etária de zero a três anos de idade, em duas escolas de Educação Infantil no município de Lajeado.

Uma reflexão sobre este aspecto é encontrada em Costa (2002, p. 58, grifo do autor) que enfaticamente observa, a partir da observação de Foucault:

Estamos falando aqui do trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar a si mesmo: aquele que, como o filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, a seu próprio pensamento. Fica então para aquele que propõe uma determinada investigação, por simples que seja o convite ao trabalho de pensar sua própria história para “liberar seu pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente”.

Neste panorama de entrevistas e investigações sabe-se que pesquisar é uma aventura. É preciso que haja pistas, suspeitas, dúvidas, e todos estes aspectos merecem ser objeto de atenção, e não deveriam ser descartadas sem antes perscrutarem-se cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que se deseja investigar (COSTA, 2002).

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil do município de Lajeado/RS e as entrevistas foram aplicadas com uma professora e a gestora de cada uma das escolas participantes, totalizando quatro pessoas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas separadamente com cada profissional, em um lugar apropriado, na própria escola. Procurando sempre manter o foco no meu propósito de pesquisar o espaço destinado aos bebês nas escolas de Educação Infantil,

considere algumas questões para serem respondidas pelos professores e pela gestoras destas escolas.

As perguntas foram organizadas da seguinte maneira e nesta sequência apresentadas:

- 1) Como funciona a rotina da turma do berçário?
- 2) Quais os espaços planejados em sua aula para a turma dos bebês?
- 3) Esta turma participa dos eventos da escola?
- 4) Existe integração entre a turma dos bebês com as outras turmas da escola?
- 5) Como você vê a saída ou não dos bebês do espaço referência deles?
- 6) Qual é este espaço referência?

Buscando uma maior profundidade no tema a ser pesquisado, utilizei como técnica de investigação as entrevistas semi-abertas. As entrevistas permitiram conhecer as concepções dos professores e gestores sobre o lugar do bebê na escola de Educação Infantil e elas foram comparadas entre si, através de análise de conteúdo. Além das entrevistas, vale destacar que as observações realizadas nas escolas serviram para compreender os dados levantados pelas entrevistas. Assim, para detalhar todos os aspectos encontrados durante as investigações, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo que envolveu descrições detalhadas das situações observadas e narradas por estes profissionais.

Neste momento, após a inserção nas escolas de Educação Infantil, propus um estudo exploratório para conhecer melhor os bebês alvo de minha pesquisa. Passei então alguns momentos com aquelas turmas. Utilizei nestas observações um

diário de campo, onde anotava tudo que julgava relevante para a investigação. Também me utilizei de fotos, que me possibilitaram registros em imagens para serem analisadas e pensadas posteriormente, em sintonia com as entrevistas e observações.

O primeiro contato com as escolas aconteceu no mês de fevereiro deste ano, onde no primeiro momento marquei uma conversa com as diretoras destas duas escolas, apresentando a proposta do meu trabalho e também vendo a possibilidade de datas para a realização das observações e das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2012, mais precisamente nos meses de março e maio. Para conseguir realizar um contraponto entre as entrevistas e os entrevistados sobre o tema do trabalho de curso, realizei as observações em sala de aula junto com as crianças e também em um momento reservado com os professores das turmas, bem como com os gestores destas escolas.

Os participantes desta pesquisa assinaram um termo de consentimento livre esclarecido, onde foram informados sobre a finalidade deste trabalho, os objetivos, a investigação acadêmica e também foi esclarecido que a qualquer momento poderiam retirar-se da pesquisa, se sentissem prejudicados.

Estas entrevistas (semi-abertas) tiveram finalidade exploratória sobre o assunto tema da monografia, onde o entrevistador introduziu a pergunta e o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o assunto livremente. Assim, pode-se obter o maior número possível de informações sobre o tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão.

Busquei, com estas entrevistas, o detalhamento de questões e formulações mais precisas dos conceitos relacionados, os entrevistados tiveram a liberdade de

relatar suas práticas em sala de aula e também em outros espaços de uso coletivo nas escolas de Educação Infantil.

Portanto, podemos descrever que a pesquisa nasce de uma inquietação, de algo que nos desacomoda. Elas normalmente provêm de uma insatisfação sobre algo que julgo ter como verdade absoluta. Frente a isto, é preciso entender que não existe uma verdade, mas sim verdades, que precisam ser reveladas.

Este tipo de entrevista fez com que o pesquisador, neste caso pesquisadora, adotasse a pedagogia da escuta², onde todos os detalhes relatados foram de extrema importância para dar vida à pesquisa que se realizou. Pontuo que neste trabalho de investigação foi de extrema importância à observação das práticas realizadas com estas crianças de zero a três anos de idade.

Minha escolha pela observação, além das entrevistas, teve como base as citações de Tura (2003, p. 184), onde o mesmo lembra que:

[...]a observação induz imediatamente à ideia de uma investigação que segue caminhos menos normatizados e tem protocolos mais flexíveis, pois observar proporciona infinitas informações para que se construa uma relação de proximidade com o objeto de estudo e conseqüentemente entenda suas particularidades e a partir disso saiba como trabalhar e aprofundar o estudo.

Também cabe ressaltar que a observação não segue um padrão rígido e formal para ser realizada, ela é feita a partir do olhar sensível do observador.

As observações realizadas para este trabalho de pesquisa, de um modo geral, foram realizadas no turno da manhã, período em que estavam presentes as professoras, com as quais acordei a pesquisa e também as gestoras destas escolas de Educação Infantil.

² A pedagogia da escuta tem seu marco inicial nas escolas de Reggio Emília, onde os professores estão atentos às cem linguagens da criança (1999), os símbolos e os códigos que as crianças utilizam para se comunicar.

Na transcrição das entrevistas, me utilizo dos números 1e 2 para diferenciar as escolas, sendo que a identidade e a localização das mesmas não serão divulgadas neste trabalho.

A periodicidade das observações se deu com maior ou menor intensidade em algumas escolas integrantes da pesquisa. Na escola 1, realizei duas observações de 3 horas, nos dias 14 de março e 16 de maio. Na escola 2, realizei 3 observações de 3 horas, no dia 06 de março, 27 de março e a última aconteceu no dia 09 de maio.

Inicialmente, minha observação se deu de maneira mais reservada, onde escolhi um canto da sala e neste espaço observei atentamente a rotina dos bebês; mas, com o passar do tempo, as crianças vieram interagir comigo e então tive que deixar um pouco de lado a observadora para poder apreciar este contato que estava se apresentando.

A análise dos dados foi realizada a partir das entrevistas e das observações realizadas. Utilizou-se a metodologia de análise de conteúdos, conceituada por Bardin (1997) como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens "... indicadores (...) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/reprodução (...) destas mensagens" (p. 42).

Bardin (1997) ainda apresenta a metodologia de análises de conteúdos baseando-se em três etapas:

- 1- Pré-análises: Consiste na organização de todos os materiais coletados. Fez-se uma leitura geral de tudo que foi pesquisado e identifiquei os aspectos relevantes que estão de acordo com o objetivo da pesquisa;
- 2- Descrição analítica: É a exploração do material coletado. Constitui-se de procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização a

partir dos registros. A codificação consiste em estabelecer códigos que possibilitem identificar cada um dos elementos da amostra das entrevistas. A classificação sugere o agrupamento de dados que são considerados parte comum existente entre eles. E a categorização é uma operação que classifica os elementos e uma mensagem seguindo critérios como validade, objetividade, consistência e fidedignidade.

- 3- Interpretação e tratamento dos resultados: Neste momento foi reagrupado todos os elementos das etapas anteriores, é neste espaço que foram expressados todos os significados captados e lidos nas entrevistas analisadas, onde foi procurado atingir uma compreensão mais profunda através da interpretação das mesmas.

Além das entrevistas, como já apresentados anteriormente, as observações também se fizeram importantes para a complementação de dados desta pesquisa. Esta foi uma experiência muito interessante, pois pude perceber, no contato com estes bebês, que os mesmos são sujeitos de iniciativa, são capazes de estabelecer vínculos, como sujeitos de relações sociais. No momento deste contato, pude problematizar novamente as práticas pedagógicas centradas no adulto e a não visibilidade que eles representam nas Escolas de Educação Infantil em sua grande maioria.

4 MINHA INSERÇÃO NUM ESPAÇO DESCONHECIDO

Apresento neste momento do trabalho o contexto onde as pesquisas desta monografia foram realizadas, que são duas Escolas de Educação Infantil, no município de Lajeado.

O critério de escolha das escolas se deu pela proximidade das mesmas do trabalho da pesquisadora e também pela curiosidade em conhecer a proposta que estas escolas apresentam em relação à primeira infância, com crianças de zero a três anos de idade, pois como moro no bairro onde estas escolas estão inseridas, tenho contato com mães que tem seus filhos matriculados nestas escolas e as mesmas relatam sobre a possibilidade ou não de seus filho pequenos irem aos mesmos espaços que as crianças de quatro a cinco anos estão.

O atendimento das crianças nas escolas da rede municipal de ensino do município de Lajeado se dá através de professores, monitores, recreacionistas e estagiários, estes todos contratados pela prefeitura do município. Todos estes exercem funções conforme o edital de seus concursos públicos.

As EMEI (Escolas Municipais de Educação Infantil) do município são todas diferentes em sua arquitetura.

A primeira instituição (a qual denomino em minhas transcrições de escola1) é uma Escola recém-inaugurada, seu prédio é novo e conta com uma arquitetura moderna e pensada para facilitar o acesso e inclusão de todas as crianças.

Percorrendo o caminho de um visitante ao entrar na escola, deparamos com um quintal aberto e em seu entorno ficam as salas de aula. O pátio central é aberto com grama e algumas árvores para sombra, as rampas de acesso da Escola demonstram a preocupação com a inclusão de crianças com alguma necessidade especial, assim como os banheiros e pátio.

A direção da Escola fica bem na entrada, onde se encontra um tapete desejando “BOAS VINDAS” e uma placa na porta remetendo a nossa casa que diz: “Aqui se encontra uma grande família feliz”.

Esta frase pode nos mostrar à intenção da escola em ser a extensão da família para as crianças que ali estão, mas como relata Szymanski (2001, p. 53):

Uma instituição não substitui uma família, mas com atendimento adequado, pode dar condições para a criança e o adolescente desenvolverem uma vida saudável no futuro.

Ao andar pelos corredores desta Escola percebi que a mesma oferece para seus alunos locais diferenciados para aprendizagem, tais como: brinquedoteca, biblioteca, sala de vídeo, sala de artes. Em uma das minhas primeiras visitas, presenciei uma aula de artes acontecendo em uma destas salas (com crianças de 5 anos, talvez).

A sala do berçário, turma esta alvo de minhas pesquisas, era uma sala ampla, com muitos berços de ferro na cor branca, um espelho, tapetes emborrachados, dois balanços, uma televisão, um DVD, trocador e um armário para brinquedos e material pedagógicos das professoras. Também anexo a esta sala havia um solário fechado com cerca ao redor.

A sala possui alguns recursos, existe um tonel com brinquedos diversos, algumas bolas de borracha e dois andadores de plástico. No centro da sala fica um móvel e por cima dos berços foi colocado um tecido de TNT azul, para simbolizar um céu.

A segunda escola observada (designada em minhas transcrições com o número dois – escola 2) é uma escola de Educação Infantil que já existe há 17 anos no mesmo prédio. Sua estrutura é adaptada, pois com o passar dos anos salas foram anexadas ao prédio para atender a demanda de crianças de mães trabalhadoras do bairro. Observo importante neste momento situar a escola 2, que fica em um bairro de classe média baixa do município de Lajeado, a 7 km do centro da cidade de Lajeado, a mesma fica localizada perto do posto de saúde do bairro, da igreja e da escola de Ensino Fundamental, enfim sua localização é adequada para o bom atendimento de todas as famílias do bairro.

Ao entrar na escola, nos deparamos com um jardim florido, uma pequena praça e uma fonte com animais de gesso ao seu redor. A primeira sala com a qual nos deparamos na entrada da escola é a da direção e secretaria. No andar de cima ficam as salas da turma B, C, D e E; em anexo a este andar, fica o berçário.

A sala das crianças de um ano idade fica no porão deste prédio. Ao entrar neste referido porão nos deparamos com uma brinquedoteca, biblioteca, refeitório da turma A e a sala desta mesma turma (dos bebês). A sala é ampla, bem ventilada (duas janelas bem grandes) e bem iluminada. Possui uma estante com muitos brinquedos, todos organizados em caixas identificadas e algumas ficam ao alcance das crianças.

Existe na sala um canto dos cheirinhos, onde vemos diferentes saquinhos feitos de TNT colorido, cada saquinho possui um cheirinho diferente (canela, hortelã, cravo, endro, camomila, poejo etc.), observa-se que a turma está desenvolvendo um projeto sobre as sensações.

Em anexo a esta sala fica o refeitório da referida turma e um espaço organizado pelas professoras com as crianças para contação de histórias ou para brincarem quando não quiserem ficar na sala.

Este espaço criado para contação de história foi pensado a partir de um projeto que será realizado com a turma sobre a literatura infantil. A organização deste local se deu através de rebaixamento do teto com TNT verde para lembrar uma floresta e conta com flores coloridas penduradas na mesma.

Após a apresentação da estrutura das duas escolas que participaram desta monografia, inicio as transcrições das entrevistas realizadas, observações, diário de campo e autores que embasaram esta minha reflexão sobre o fazer ou não fazer pedagógico das crianças na faixa etária de zero a três anos de idade.

Cabe, neste momento, ressaltar as palavras de Pol e Morales (1982, p. 5-12) em seus cadernos pedagógicos: espaço escolar, um problema interdisciplinar. Eles relatam:

A forma como organizamos o espaço, transmite uma mensagem que pode ser coerente ou contraditória com que o educador quer fazer chegar à criança. Qualquer observador externo que seja atento, ao entrar em uma sala de aula, terá a clareza da concepção de aprendizagem que ocorre naquele espaço.

Retomemos a parte inicial da citação de Pol e Morales, em que destacam que a forma como organizamos a nossa sala transmite que tipo de professor somos e como pensamos a educação de crianças em qualquer faixa etária. Pensamos agora na escola 1 que foi observada e relatada acima, qual visão que estes professores têm sobre o que seja importante oferecer para seus alunos na faixa etária que os mesmos estão vivendo?

Diante das constatações que tivemos ao observar a escola 1, podemos entender que limitar a criança a um espaço limitado de recursos, não organizado pedagogicamente e também sem estímulos, é estar privando as mesmas de se desenvolverem dentro de um contexto pleno.

Trago neste contexto, onde falamos de privar as crianças de se desenvolverem, a imagem de Tonucci ³ 1976 (1998, p. 38). Esta imagem nos remete a uma sala de aula onde os professores não pensam nas individualidades e singularidades de suas crianças, mas estão ali para cumprir seu papel de cuidadores de crianças.

Observa-se que a imagem denuncia a escola como sendo um local de guarda, onde mães trabalhadoras deixam seus filhos para serem cuidados e educados por professores qualificados e aptos para a função e o que acontece é um armazenamento de crianças, que ficam ali para receberem alimentação, higienização e cuidados básicos para no final do dia ser entregues novamente aos cuidados da família.

Figura 3: A creche não é um cabideiro.



Fonte: Tonucci ((1973, *apud* TONUCCI, 2008, p. 38).

Voltando a discorrer sobre a inserção de bebês no espaço coletivo da escola, analisaremos a fala de uma das professoras da turma do berçário da escola A, sobre

³ Tonucci- Pedagogo italiano, também conhecido com o pseudônimo de Frato. Publicou dois livros no Brasil: *Com olhos de criança* (2008) e *Quando as crianças dizem agora chega* (2005).

quais espaços eram planejados em sua aula para a saída dos bebês da sala. *Nós ficamos mais na sala e às vezes no solário. É difícil sair com eles porque são pequenos e facilmente se entretêm pelo caminho, às vezes temos que buscá-los nas salas das outras turmas, o pátio da frente é ocupado pelas crianças maiores. Como eles gostam de assistir a filmes, trouxemos uma TV e um DVD para a sala dos bebês. (professora R, escola 1).* Também respondendo a esta mesma pergunta a gestora da escola relata: *[As crianças] Vão para o solário. As professoras da tarde, em função da temperatura, vão mais para o pátio da frente. (Gestora P, escola 1).*

Então, conforme relatado pela professora, os bebês desta turma não têm oportunidade de estarem em outros espaços ou vivenciarem outras experiências, a não ser o que é disponibilizado a eles em sala de aula. Esta afirmação mostra qual a visão de educação que esta professora tem, como bem explica Cunha (2004, p. 71):

Um professor que acredita nas potencialidades do aluno, que está preocupado com sua aprendizagem e com o seu nível de satisfação com a mesma, exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição. E isto também está indicado na relação professor-aluno.

O autor ressalta que um professor que acredita nas potencialidades do aluno, exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição, percebe-se que esta afirmação é muito marcante levando em consideração a visão de criança que os professores têm, como sendo seres não ativos, sem linguagem e que não exercem interação com o meio no qual estão inseridos (CUNHA, 2004, p. 90).

Destaco neste momento uma fala que relata esta visão: “Os bebês se sujam muito quando vão para estes espaços diferentes e também os grandes estão sempre correndo pelos corredores e chamando nossos alunos para irem à sala deles.” (professora R escola1). Percebe-se que se esta professora tivesse entendimento sobre a importância da interação entre bebês e crianças maiores, consideraria este momento que as crianças se dispersam e vão para outras salas como algo positivo e cheio de aprendizagens e de trocas mútuas.

O momento da minha segunda observação foi em uma manhã linda de sol, observei as crianças de uma das turmas da escola brincando no pátio e os alunos alvo de minha pesquisa dentro dos berços da sala de aula.

Quadro 1: Diário de campo 1 (escola 1)

Diário de campo

Hoje visito a escola pela segunda vez e encontro os bebês da mesma maneira que estavam da primeira vez que os vi, deitados no berço e funcionária da limpeza limpando a sala. As professoras atendendo os mesmos em suas necessidades de sono, alimentação e higiene e algumas crianças pulando os berços e indo para a cama do colega para brincar.

O espaço (sala) está diferente, tem mais berços e um tapete de EVA perto do espelho, mas nenhuma criança é colocada sobre ele para poder brincar.

Fonte: da autora (2012).

Neste ponto do trabalho, onde situo o objeto empírico de minha pesquisa “os bebês” como protagonistas de uma prática pedagógica pensada com eles e para eles, é que trago a análise de uma pergunta feita para todas as professoras entrevistadas: Qual é o espaço planejado para seus alunos em suas aulas? Os professores e direção (escola 2), ao serem perguntados, responderam o seguinte: *Pensamos os espaços observando nossos alunos, o que eles gostam de fazer, quais os locais preferem frequentar e a partir desta **observação** é que planejamos nossas aulas. Observamos que eles apreciam muito estar ao ar livre, ou em contato com crianças maiores (Professora M, escola 2).* A mesma pergunta foi feita para a gestora da escola que respondeu: *Os bebês usam todos os espaços, como solário,*

pátio, porão, rua. Depende do olhar de cada professor, e o que eles planejaram naquele dia para seu aluno. Por exemplo: eu olho para o mato em frente à escola e penso, por que eles não vão lá? (Gestora C, escola 2).

Nesta fala, o que chamou atenção de imediato – e até coloquei em destaque na transcrição da entrevista – foi o fato da observação realizada pela professora. Observa-se de extrema importância esta prática com as crianças para que se chegue a um trabalho efetivamente de qualidade, pois somente assim iremos entender o que realmente é importante ser trabalhado em cada turma.

No trecho da obra de Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009, p. 21), os autores discorrem sobre o poder da observação e como os professores podem fazer uso dela para dar sentido ao seu trabalho pedagógico:

A observação pode desempenhar um papel importante. Quanto mais você observa, mais conhecerá suas crianças e saberá promover seu sucesso enquanto aprendizes. O sucesso delas, por sua vez, ajudará você se sentir bem sucedido, e o ciclo continuará. Seu desafio é formar sentido a partir de suas observações e aproveitar a riqueza de ideias que a observação traz a cada dia.

O poder da observação é um aspecto muito interessante de ser trabalhado com as crianças e também de extrema importância nesta faixa etária, pois os mesmos ainda não possuem a linguagem oral para poderem expressar seus interesses.

A partir do olhar sensível desta professora entrevistada sobre os interesses da turma, é que foi possível, para estes bebês, a disponibilização de espaços diferenciados e contato com outras crianças maiores. Também se percebe, na fala da gestora, que os bebês podem ir para todos os espaços e ainda ressaltou que eles deveriam ir para o mato, que fica fora da escola.

Trago para análise uma situação desenvolvida pela escola 2, onde as professoras utilizaram como recurso pedagógico o pátio, água, tinta e uma lona

preta, este tipo de trabalho realizado pelas professoras mostra a concepção de infância que as mesmas têm, sendo que as mesmas entendem a criança como um ser que precisa estar em interação com elementos da natureza, precisa ser reconhecido como ser que faz parte do contexto escolar e também que é extremamente ativo em contato com seus pares, principalmente em situações desta natureza.

Nesta seção, relato sobre como os professores e a gestão da escola 1 veem a saída dos bebês do espaço referência: Eu acho muito importante, mas o espaço deveria ser adequado, o pátio é perigoso, pois tem blocos de concreto que podem causar acidentes. Na praça nós nunca fomos, pois não têm pessoas suficientes para levá-los. No multiuso nunca fomos, pois não tem nada diferente para os bebês e normalmente está ocupado pelas crianças maiores (Professora R, escola 1). A gestora respondeu esta pergunta da seguinte maneira: Eles vão acompanhados de suas professoras. Todo o grupo de trabalho está disposto a auxiliar. As professoras deixam explorar todos os espaços, não tem problema. As professoras do turno da tarde vão mais a estes locais por causa das condições como temperatura (Gestora P, escola 1).

Ao analisarmos a fala da professora e da gestora da escola 1, percebemos que as mesmas percebem esta saída de forma diferenciada, pois a professora destaca a dificuldade de sair, pois não tem muito auxílio; já a gestora relatou que todos estão prontos para auxiliar.

Ao analisarmos estas falas podemos entender que o lugar destinado aos bebês realmente é a sala de aula. Neste contexto, devemos pensar que é neste espaço que os mesmos precisam se desenvolver e, como sabemos, nesta faixa etária os pequenos estão adquirindo destreza motora, equilíbrio, coordenação ampla, entre outras situações de desenvolvimento afetivo e cognitivo (PIAGET, 2002) e é neste espaço restrito que tudo isto deve acontecer, mas será que acontece?

Levando em consideração a necessidade dos bebês em passarem a maior parte do dia na creche, a rotina adotada por esta instituição deve ser de total relevância no olhar de todos que pensam esta escola. Devemos levar em consideração a fala de Barbosa (2006), que fala sobre uma “rotina rotineira”, que a escola deve fugir deste padrão e pensar na rotina como algo flexível e pensado *com* as crianças e não somente *para* as crianças.

Para organizar uma rotina com os bebês é preciso lembrar que cada um tem o seu tempo, um tempo para se alimentar, um tempo para realizar as situações propostas, um tempo para querer ficar sozinho, um tempo para estar em contato com o outro, então levando em consideração estas diferenças percebemos que não existe como delimitar uma rotina fixa, principalmente pra bebês, mas também não podemos deixar de ter uma sequência dos acontecimentos, pois as crianças precisam realizar esta organização mental para terem o sentimento de estabilidade e segurança.

Neste momento trago a resposta da professora e da gestora da escola 2 sobre como veem a saída ou não dos bebês do espaço referência: *Ótima. Esta é uma das práticas que mais incentivamos com nossa turma, quando temos a oportunidade estamos em contato com estas crianças. “Na festa de Carnaval festejamos juntos, na praça nos encontramos, vamos até a sala deles passear e eles vêm até a nossa” (Professora M, escola 2).* Nesta mesma pergunta a gestora relata: *Vejo como algo positivo e vejo que isto funciona em diferentes momentos e depende do olhar de cada professora. Eu acho que ver a escola com olhar assistencialista não existe mais na Educação Infantil. Pensamos hoje na visão de educar e cuidar, eles andam juntos (Gestora C, escola 2).*

Essa presença constante dos bebês nos espaços coletivos cria novos significados para a escola e para seus paradigmas, sendo que uma prática deste tipo mobiliza toda a gestão de uma escola e também desenvolve nas crianças o

senso de coletividade, de compartilhar um espaço que antes era visto como extremamente perigoso, como um mundo de obstáculos a serem transpostos.

Barbosa e Horn (2001, p. 68) pesquisam a organização do espaço e do tempo na escola infantil e afirmam:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte.

Os bebês são considerados seres sociais, porque ao estarem interagindo com outras crianças evidenciam uma grande capacidade de tomar iniciativa e a partir disso entrar em contato com seus pares.

Neste momento trago uma citação de Barbosa (2010, p. 3) em seu artigo *As especificidades das ações Pedagógicas com os bebês* - que fala sobre a interação e as relações interpessoais:

A valorização das relações interpessoais, a convivência das crianças entre elas, mas também entre os adultos e as crianças, pois são estas relações sociais que oferecem os elementos para a construção da sociabilidade e da constituição subjetiva de cada uma das crianças. Esse é um importante papel da Educação Infantil principalmente no que se refere às crianças bem pequenas, pois nesta faixa etária as interações entre as pessoas têm expressiva relevância para a construção das identidades pessoal e coletiva das crianças.

Destaco Simiano em sua tese de doutorado (2010), que fala da importância do estar junto, da troca de experiências entre as crianças e pensar o espaço da creche como um lugar de interação com a vida que pulsa na e para além da sala de aula.

Dentre as pesquisas publicadas sobre a importância da interação dos pares na Educação Infantil, temos estudiosos como Amarin et. al. (2000), onde demonstram características da interação de crianças no primeiro ano de vida. Estas pesquisas apontam, segundo as autoras que a interação nesta faixa etária é rápida e desordenada e estas características são resultantes do desajeitamento motor destes bebês.

Levando em consideração esta incompletude motora, o fato de ainda não terem total coordenação motora pode prolongar esta interação ou mesmo proporcionar novos momentos de interação entre estes pares.

A primeira observação realizada na escola 2 foi no pátio da escola, estava eu em um espaço rico para a realização desta pesquisa, também neste momento percebeu-se o olhar atento das professoras para seus alunos, registrando as informações coletadas durante a aplicação das situações.

Quadro 2: Diário de campo 2 (escola 2)

Diário de campo:

Minha primeira inserção no espaço foi muito interessante, pois as crianças de um ano estavam na praça “dos grandes”, andando de escorregador, de balanço e correndo pelo gramado. As professoras estavam brincando com as crianças e também anotando em um bloco as situações que as crianças mais se destacavam. Após a praça, foram brincar de meleca e puderam explorar todas as possibilidades da gelatina.

Fonte: da autora (2012).

Destaco, neste momento, a rotina da turma dos bebês (escola 1), durante uma manhã em que estive observando as mesmas:

Entre as seis horas e trinta minutos às oito horas, as crianças são recepcionadas pela estagiária e a professora volante da escola. Neste momento as crianças brincam livremente com os brinquedos da sala, neste dia foi disponibilizado potes de sucata e bolas. Os maiores brincavam no chão e os menores no berço ou no bebê conforto⁴. Às oito horas, a professora titular voltou para a sala para auxiliar nas trocas e também no café da manhã, onde normalmente tomam leite deitadas no berço ou no bebê conforto.

Após o café da manhã, todas as crianças vão para os berços, pois as funcionárias da limpeza fazem faxina na sala e os bebês não vão para outro espaço para este momento acontecer, ficam chorando e pedindo colo para as professoras, os maiores pulam de berço em berço para brincarem com os outros colegas ou somente para brincarem de pular.

Com o término da limpeza, as crianças voltam para o chão e neste momento mais alguns brinquedos são disponibilizados sem intervenção das professoras, elas brincam no chão. Enquanto os bebês interagem uns com os outros, uma das professoras se responsabiliza pelas trocas de fraldas, e a outra fica na sala com a turma “para cuidar para não se machucarem e não brigarem” (fala da professora R, escola 1).

Após a brincadeira, iniciam a organização da sala para o almoço. Neste momento, crianças maiores ajudam a juntar os brinquedos e colocar dentro dos tonéis. Em seguida, é colocado o bibeiro e são sentadas nos “cadeirões”, cadeiras e

⁴ Bebê conforto: espécie de cadeira de balanço, onde os bebês são colocados para dormir. São equipados com um pé de apoio frontal que adiciona estabilidade ao balançar.

bebê conforto, as professoras alimentam algumas crianças na boca; após o almoço, são logo colocadas no berço com o bico e lá adormecem sozinhas).

Neste momento, permito-me trazer uma imagem de total relevância para o assunto que estamos percorrendo. Tonucci 1973 (2008, p. 66) relata, em forma de desenho, uma prática que é muito habitual para as professoras de bebês, o momento da refeição

Figura 4: Criança se nasce



Fonte: Tonucci ((1973, *apud* TONUCCI, 2008, p. 66)

Destacamos uma fala de Batista (1998, p. 13), que discorre sobre o assunto:

A forma como é organizado o tempo-espço educativo da creche demonstra que ele é compreendido e organizado para sujeitos-alunos e não para sujeitos-crianças. Neste sentido, os adultos vivem uma grande batalha diariamente na creche, qual seja: trabalhar com sujeitos-crianças dentro de

uma estrutura cuja lógica temporal e espacial está assentada no sujeito-aluno.

Para os professores, alimentação é um momento visto como cuidado biológico, o ritmo da alimentação dos bebês é regulado pelo ritmo dos professores e, como bem sabemos, não é o mesmo em relação ao ritmo do adulto.

As crianças são sentadas uma ao lado da outra, como mostra a ilustração de Tonucci, e neste momento são alimentadas de forma rápida, consolidando, assim, uma prática cansativa e sem perceber a criança como portadora de uma singularidade e de um tempo diferente do adulto.

O momento da alimentação pode e deve ser ocasião rica de aprendizagem, onde o professor estimula seus alunos a terem autonomia e maior coordenação com a prática de manipular talheres. O professor pode utilizar este momento para observar seus alunos como, por exemplo, seus alimentos preferidos, suas interações com o alimento, entre outras situações. Se assim acontece, estaremos exercendo um cuidado e uma educação que coloca os bebês como seres ativos e como alguém competente para aprender.

Observa-se que na escola 2 existe, sim, uma rotina, onde as crianças são acolhidas pelos seus professores, ganham um colo e uma atenção especial, pois ainda estão com sono, neste momento algumas ainda dormem em seu colchão.

O café é oferecido às 08h30min da manhã, após este horário as crianças são higienizadas e logo em seguida realizam alguma situação de aprendizagem, ou vão para algum espaço diferenciado: praça, biblioteca, brinquedoteca, sala de outras turmas ou um passeio pela escola ou pátio.

A maioria das crianças já comem sozinhas, ou são estimuladas a isto, mesmo que dê muita sujeira, este processo acontece. Enquanto estão se alimentando vão sendo estimuladas a segurarem a colher, comerem devagar e

mastigarem bem os alimentos e também respeitarem o espaço do colega. Como relatado anteriormente na escola 1 a alimentação ocorre de forma mecânica, as crianças são sentadas em cadeirões, bebê conforto, ou cadeiras, os professores alimentam duas a três crianças de cada vez, alguns maiores alimentam-se sozinhos, mas não existe esta interação que possibilita o aprendizado.

Observa-se que o momento da alimentação é um espaço rico para o aprendizado, como relatou a professora M (escola 2) , onde a mesma observou seus alunos colocando a mão dentro da comida sentindo a textura dos alimentos e usou esta situação para realizar um projeto de sensações com seus alunos.

Quadro 3: Diário de campo 3 (escola 2)

DIÁRIO DE CAMPO

A professora, enquanto estava neste momento com as crianças, observou que os mesmos gostavam muito de colocar a mão dentro e sentir se o alimento estava frio ou simplesmente pegar para sentir a textura dele, pois ficavam esmagando e observando, vendo isto pensou e está realizando um projeto sobre sensações com a turma.

Fonte: da autora (2012)

As duas professoras entrevistadas elegeram a sala de aula como sendo espaço referência dos bebês, esta foi à única resposta que as mesmas responderam igualmente.

Este é um assunto recorrente deste trabalho, pois já destacamos a importância da sala de aula como sendo um local de encontro, aconchego e que

seja um ambiente agradável para estes bebês. Um local para terem um encontro mais próximo com seus professores e com seus colegas.

Mas precisamos problematizar este local como sendo o único espaço disponibilizado para estas crianças e também como o mesmo é arquitetado para bem atenderem estes bebês que, como já vimos, são seres ativos, interativos e que buscam a interação e o contato uns com os outros e também com seus professores.

Trago para análise uma fala da arquiteta Mayumi Lima, referindo-se às áreas destinadas às escolas nas cidades contemporâneas do Terceiro Mundo. A arquiteta Lima (1989, p. 11) escreveu:

As construções podiam se destinar tanto a crianças, a sacos de feijão ou a carros, pois são apenas áreas cobertas, com fechamento e piso. [...] os seres humanos perderam não apenas a sua capacidade única de dar sentido às coisas, mas também perderam o instinto primário de todos os animais adultos de buscar o ambiente mais favorável para o desenvolvimento dos seres jovens de sua espécie.

4.1 Em muitos lugares, em muitos espaços...

A partir deste momento, através da pesquisa realizada, gostaria de apresentar algumas práticas possíveis para com os bebês, concebendo os mesmos como seres ativos e interativos de uma prática pedagógica.

Apresento parceiros teóricos para elucidar algumas situações e vivências observadas com os bebês, onde trago para me acompanhar neste caminho as falas de algumas autoras que deram embasamento para esta monografia. Barbosa e Richter (2010), entre outros estudiosos, discorreram sobre este assunto.

A primeira situação que descrevo é a ida destes bebês todos os dias para o pátio, onde trago a fala de Barbosa (2010) em seu artigo denominado As

especificidades da ação pedagógica com os bebês ressaltando a importância de esta prática acontecer com crianças pequenas:

Todos os dias os bebês precisam ir ao pátio, pois este é um procedimento saudável e também uma importante situação de integração com as demais pessoas da escola, especialmente porque promove interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades. É importante que todos os dias os bebês vivenciem situações que incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico social, ao tempo e à natureza (BARBOSA, 2010, p. 13).

Figura 5: Bebês de 1 ano interagindo com crianças de 5 anos em um momento no pátio



Fonte: da autora (2012).

Os espaços externos da escola precisam e devem ser planejados pelos professores como um local de aprendizado e não como um acessório, onde se leva os bebês para passar o tempo. Estes espaços alimentam e dão vida ao fazer pedagógico do professor, pois neste local as crianças entram em contato com muitos elementos, tais como terra, folhas, animais que por ali passam, outras crianças, funcionários e a cerca da escola.

A cerca merece uma atenção especial, pois se observa que as crianças mostram uma predileção por este local. Em vários momentos de observação no pátio, me deparei com os bebês olhando por entre a cerca, pensei: o que tanto olham ali?

Figura 6: Bebês de um ano no pátio da escola, organizando estratégias em conjunto



Fonte: da autora (2012).

Como me encontro na função de observadora e pesquisadora, nada mais sensato do que partilhar daquele momento com os bebês, que para minha surpresa estavam observando também.

Observavam alguns brinquedos que estavam do outro lado da cerca, brinquedos estes que eles mesmos haviam empurrado, estavam em um pequeno grupo e o mesmo estava tentando traçar estratégias para tentar pegar estes materiais que estavam perto deles e ao mesmo tempo tão distante.

Tiveram a ideia de puxar a cerca que já se encontrava em desnível, enquanto um realizava este processo o outro era incentivado a colocar a mão por baixo para

poder pegar estes brinquedos e assim em grupo resolveram o “problema” em questão.

Pensando em como as crianças resolvem seus problemas e as capacidades cognitivas que devem colocar em ação para realizá-las é que trago uma citação de Tristão (2006, p. 39), ao comentar sobre as experiências vividas pelas crianças:

As experiências vividas pelas crianças no contexto da creche partirão de uma proposta das professoras ou de uma permissão destas para que os pequenos experimentem, provem, saboreiem, sintam. É fundamental isso, que estas profissionais planejem diversas oportunidades de as crianças realizarem diversas experiências.

Sair da sala com os bebês é algo que exige muita atenção, cuidado e muita dedicação por parte dos professores, principalmente no momento de subir ou descer escadas. Os bebês que já sabem caminhar são incentivados a se segurar na grade e usá-la como sustentação e subir; os que ainda não sabem caminhar são levados pela mão e assim vão ao pátio que fica na parte de cima da escola, na sala da turma B, C, D e E.

Em alguns momentos quando estão se deslocando para estes espaços, ganham a companhia de outras pessoas, como crianças de outras turmas, funcionários e direção da escola. A parceria entre gestão e professoras é fundamental para o bom andamento das situações propostas para os bebês, como nos traz o documento *Indicadores da qualidade na Educação Infantil* (2004, p. 38, grifo do autor):

Todos os profissionais da escola são importantes para a realização dos objetivos do projeto político-pedagógico. Os professores são responsáveis por aquilo que os especialistas chamam de *transposição didática*, ou seja, concretizar os princípios político-pedagógico em ensino– aprendizagem. Cada um dos demais profissionais tem um papel fundamental no processo educativo, cujo resultado não depende apenas da sala de aula, mas também da vivência e da observação de atitudes corretas e respeitadas no cotidiano da escola. Tamaña responsabilidade exige boas condições de trabalho, preparo e equilíbrio.

Figura 7: Bebês de 1 ano descobrindo a escada



Fonte: da autora (2012)

Pensando que todos os adultos inseridos na escola são profissionais da educação e, portanto, precisam participar deste processo e também participar das capacitações feitas pela Prefeitura do município de Lajeado para que possam contribuir com competência para este trabalho coletivo com os bebês.

Observa-se a importância dos profissionais da limpeza, secretário e outros funcionários que trabalhem na escola conhecerem a proposta das professoras destas turmas, para que quando estejam em contato com as mesmas ou observarem as crianças se deslocando para um local que aparentemente não seja um espaço para estas crianças irem, não as interrompam, utilizando uma atitude superprotetora e assistencialista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ONDE ESTÃO OS BEBÊS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL? EXISTE UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Ao concluir esta pesquisa, retomo meus anseios iniciais sobre a invisibilidade dos bebês e o não-lugar destinado a eles nas práticas cotidianas das escolas de Educação Infantil.

Após analisar todo material desta pesquisa como entrevistas, diário de campo e imagens, reflito sobre os pontos que mais se destacaram durante a monografia, sobre o lugar que os bebês ocupam, ou não ocupam, no dia-dia de duas escolas de Educação Infantil do município de Lajeado.

Como estas escolas estão dentro do mesmo PPP⁵, o qual, diga-se de passagem, é bem atual e foi montado pelas gestoras e professoras destas escolas, ainda existem olhares diferenciados sobre um mesmo tema: “o lugar dos bebês”.

Encontrei em minhas andanças na busca de uma proposta desafiadora para os bebês uma instituição na rede municipal de ensino que possui um olhar de visibilidade para estes bebês, mostrando em sua prática diária que é possível, sim,

⁵ PPP: Projeto Político Pedagógico das escolas de Educação Infantil do município de Lajeado.

levar os mesmos para os espaços que as crianças de quatro a cinco anos frequentam.

Assinalo, novamente aqui, a importância dos bebês terem um espaço no coletivo e não que a sala de aula como um espaço pedagógico e de encontros seja algo sem importância; mas, sim, que seja repensada em seu uso e que este lugar seja um espaço de acolhida, de refúgio, onde professores e crianças se encontrem para desfrutar de uma relação mais íntima e de trocas mútuas.

Então, conforme observado, ir aos espaços faz parte da rotina da turma dos bebês, mas isto não quer dizer que esta rotina seja fixa e sempre a mesma, “pois nos momentos que entendem ser pertinente estar na sala com seus alunos, assim o fazem” (professora M, escola 2) permitindo um alargamento das experiências e vivências do grupo. Conforme observado no diário de campo:

Quadro 4: Diário de campo 4 (escola 2)

Diário de campo

Estávamos na sala com as crianças, quando de repente uma das professoras falou: “Vamos pessoal, todos de mãos dadas que vamos passear na sala da turma D”. Imediatamente, todos se deram as mãos e formou-se junto com a professora até o andar de cima, onde fica a turma dos maiores. Brincaram juntos, os pequenos quiseram sentar no colo e ir ao colo das meninas desta turma.

Fonte: da autora (2012).

Neste dia obtive a prova da resposta das professoras para a pergunta: Existe integração entre a turma dos bebês com as outras turmas da escola?

Observa-se que as crianças maiores são parceiros privilegiados na interação com os bebês, pois este contato e esta troca levam ao aprendizado de ambas as partes, pois existe o cuidado, a proteção, a brincadeira, os diálogos, mesmo que ainda sem palavras.

Ainda falando sobre a importância da interação entre bebês e crianças maiores, estas se mostram excelentes interlocutoras no processo de socialização que acontece entre os pares. Percebe-se que o estar com crianças de diferentes idades é extremamente importante para as relações sociais que os bebês desenvolverão com outras pessoas.

Agora neste espaço de escrita, onde unifico e dou visibilidade aos achados da pesquisa, problematizamos os espaços possibilitadores de aprendizagens e significados para os bebês, mostrando uma nova configuração dada pelos mesmos quando estavam nestes espaços.

Os bebês, juntamente com os adultos, evidenciavam outras possibilidades para o seu uso a não serem as convencionais, neste sentido o estudo sugere:

A escada como um local de encontro, de ajuda, de coleguismo e também de um obstáculo interessante e transponível, assim conseguiam superar algo que até então era visto como perigoso para os bebês.

O refeitório como local de aprendizado e até de observações pela parte dos professores para situações de aprendizagens para serem utilizadas em um projeto. A revisão deste lugar como lugar de estar simplesmente para saciar uma necessidade biológica a “fome”. O pátio como lugar de interação entre os pares, de encontro entre “maiores” e “menores” de aprendizagens sobre o cuidar, sobre o explorar, sobre o ver, sentir, tocar e também criar outros trajetos ainda não explorados.

Os espaços internos como biblioteca, sala multiuso, brinquedoteca, os quais possibilitam experiências ricas com elementos diferentes como o manusear de livros, mesmo ainda não tendo o entendimento das letras e não serem alfabetizados, precisam ser pensado como um recurso pedagógico para o trabalho do professor e não como um local onde as crianças são levadas para passar o tempo.

Este trabalho teve a pretensão de entender, ou buscar entender, onde estão os bebês. E se eles estão inseridos em uma escola de Educação Infantil, o lugar deles não são somente em sala de aula, eles precisam estar inseridos no contexto da escola como todas as outras crianças maiores de três anos estão. Pois, como vimos durante o estudo, eles são seres ativos, interativos e não precisam esperar crescer para só então participarem.

A garantia desta visibilidade para com os bebês impõe ainda muitos desafios que precisam ser pensados e repensados pelas escolas de Educação Infantil: o primeiro ponto é rever a rotina e o tempo destinados ao assistencialismo, alimentação, higiene, banho (em algumas escolas) e o sono.

Outro aspecto é a mobilidade, pois transitar com os bebês exige o empenho de todos, é preciso ter pessoas dispostas a auxiliar neste processo, por este fato a ideia dos bebês saírem da sua sala referência deve ser algo entendido por todos os funcionários da escola.

Assim podemos entender que não são apenas os bebês que saem ganhando com estas idas e a vinda nestes espaços coletivos, mas também todos nós, pois eles nos provocam a pensar em uma escola que contemple a diversidade tanto dos bebês com de todas as crianças. Pois a escola precisa se adaptar para dar conta de toda a diversidade que lhe é apresentada e o lugar do bebê deve ser pensado em sua função social, política e também pedagógica.

Estas considerações não são finais, pois sei da temporalidade e da provisoriedade deste estudo tão emergente. Ciente de que não caminho para o fim, penso que não estou finalizando um trabalho, mas sim buscando entender este olhar diferenciado para a primeira infância e, quem sabe, abrir para alguns questionamentos dentro das escolas nas quais estive inserida durante esta monografia.



REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia. **O espaço da creche. Que lugar é este?** 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.
- BARBOSA, Maria Carmem. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. 2010. Disponível em <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=> Acesso em Mar 2012.
- _____. **Por amor e por força**. Rotinas na Educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, Maria Carmen Silva; RICHTER, Sandra Regina S. Os bebê interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. In: **Revista Educação**. Santa Maria. v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>> Acesso em Mar. 2012.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**: Relatório do Projeto de Cooperação técnica MEC e UFRGS para a Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=327&li> Acesso em Mar. 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Persona, 1997

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche**: entre o proposto e o vivido. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998. Disponível em <mit=5&limitstart=430&order=date&dir=ASC> Acesso em Out. 2011.

BRASIL. **LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf> Acesso em Dez. 2011.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/Coedi, 1998.

_____. **Indicadores da qualidade na educação** / Ação Educativa, Unicef, PNUD, Inep-MEC (coordenadores). – São Paulo : Ação Educativa, 2004. Disponível em [http //portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf). Acesso em Mar. 2012.

_____. **Relatório de pesquisa: Mapeamento e análise das propostas pedagógicas municipais para a Educação Infantil. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília: s.n., 2009.

_____. **Práticas cotidianas na Educação infantil - Base para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf.> Acesso em 21 de Maio de 2012.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II**: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

FARIA, Ana Lucia Goulart. **O Coletivo Infantil em Creches e Pré-Escolas - Falares e Saberes.** São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA, Ana Lucia Goulart; MELLO, Suely Amaral. **Linguagens infantis.** São Paulo: Autores Associados Ltda., 2005.

GANDINI, Lella, EDWARDS, Carolyn, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

GOBBATTO, Carolina. **Escola e cultura infantil: encontro ou desencontro?** Porto Alegre: URGs, 2008. 58 f. Trabalho de Conclusão da Faculdade de Educação (Especialização). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.

HORN, Cláudia Inês; SILVA, Jaqueline Silva da; ABREU, Luciane. **Práticas na Educação Infantil: Da ação à reflexão.** Lajeado: UNIVATES, 2009.

HORN, Maria da Graça Souza. **O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil.** 2003. 151 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Educação. UFRGS: Porto Alegre 2003.

_____. **Sabores, cores, sons e aromas: organização dos espaços na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHTELMIER, Margo. **O Poder da Observação.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos**: Uma alternativa curricular para Educação Infantil. São Paulo: Ática, 1998.

LIMA, Mayumi S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PEDROSA, M. I. A emergência de significados entre crianças nos anos iniciais de vida,. In: Pedrosa, M. P. (Org.), **Coletâneas da ANPEPP. Investigação da criança em interação social**. Recife: Universitária da UFPE, 1996. v. 1, p. 49-67.

PIAGET, Jean. **A construção do real da criança**. Ramon Américo Vasques (Trad). 3. ed. São Paulo: Ática. 2002.

POL, E; MORALES, M. El espacio escolar, um problema interdisciplinar. **Cuadernos de Pedagogia**. Barcelona, n. 86, p. 5-12, 1982.

PRADO, Patrícia. **Educação e cultura infantil em creche**: um estudo sobre brincadeiras de crianças pequenininhas eu um CEMEI de Campinas/SP. 214f. 1998 Dissertação (Mestrado) Educação. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. São Paulo: Bertrand Brasil. 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da Educação**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979.

SCHIELDS, P. J; ROVEE-COLLIER, C. Long-Term Memory for Context- Specific. Category Information at Sixt Months. **Child Development**, v. 63, p. 245-259, 1992.

SIMIANO, Luciane. **Meu quintal é maior que o mundo**: Da configuração do espaço da creche à constituição de um lugar para os bebês. 2010, 137 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Santa Catarina: Unisul, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

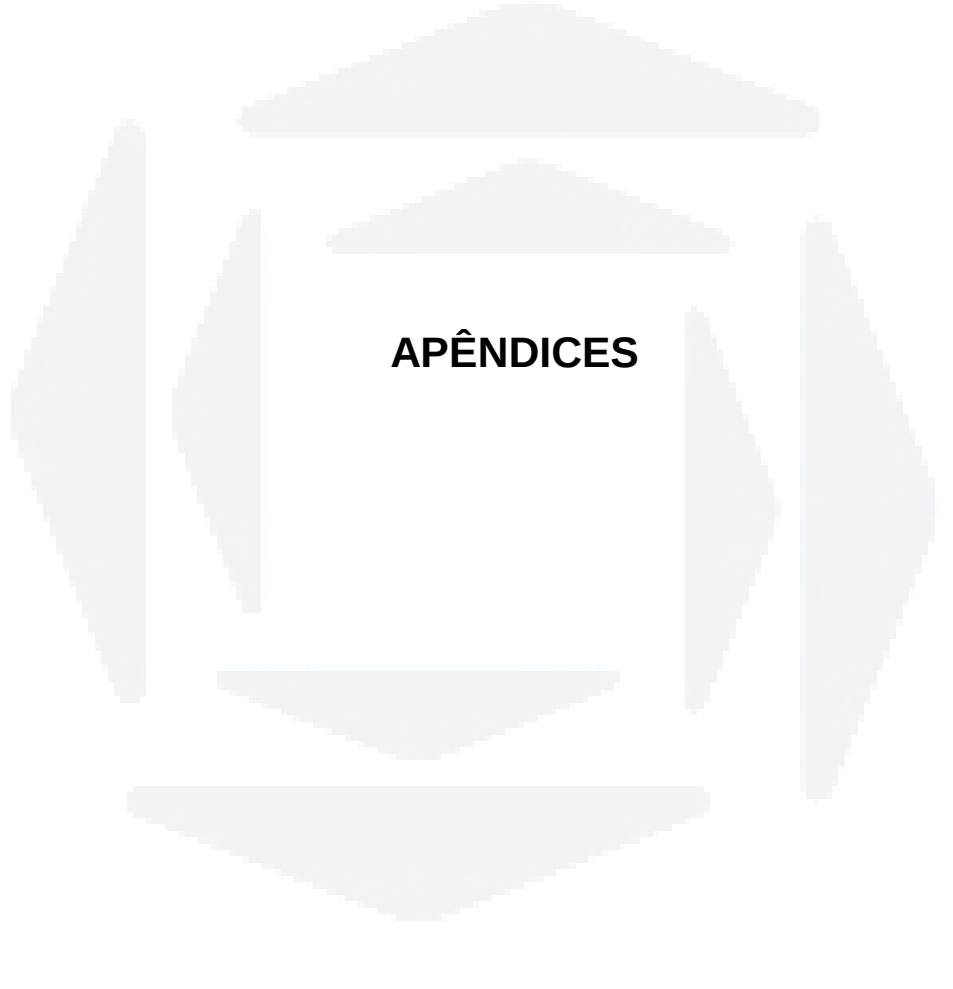
_____. **Quando as crianças dizem: agora chega**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José. (org.). **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 39 -56.

TURA, M. De L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. DE; VILELA, R. A . T. (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 183-206.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. A Formação do Profissional da Educação Infantil no Brasil no Contexto da Legislação, das Políticas e da Realidade do Atendimento. In: **Pro-Posições**. Campinas, v. 10, n.1 (28), p.28-39, Mar. 1999.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 183-204.



APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de consentimento informado aos professores e direção da escola	69
Apêndice 2: Termo de consentimento informado aos pais.....	71
Apêndice 3: Questões da entrevista com professores e direção das escolas..	73

Apêndice 1: Termo de consentimento informado aos professores e direção da escola

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos professores e direção da escola

Estou realizando uma pesquisa intitulada “ONDE ESTÃO OS BEBÊS? UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL” Este trabalho tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas com os bebês, suas ações e relações com o meio social, pretendendo utilizar esta pesquisa como qualificação do Trabalho de Curso da Pedagogia.

Tenho ciência de que minha participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação a contribuição para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que são os de investigar como acontece a prática pedagógica com os bebês e suas ações no meio social, no caso, a escola de Educação Infantil.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas serão discutidos apenas em situações acadêmicas, identificadas somente pela inicial de seu nome e pela idade. Minha colaboração se fará por meio de entrevistas e se iniciará apenas a partir da entrega desse documento por mim assinado.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida, ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável no endereço Rua Arroio do Meio, nº 175 – Olarias – Lajeado (RS) CEP 95900-000, e também pelo telefone: 91193286 ou email (melissas@universo.univates.br) .

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa “ONDE ESTÃO OS BEBÊS? UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL”, sob a orientação da professora Doutora Suzana Feldens Schwerter (suzifs@univates.br) e acadêmica Melissa Schneider Scherer.

Lajeado, 20 de Maio de 2012.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Apêndice 2: Termo de consentimento informado aos pais

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**Aos pais**

Eu, Melissa Schneider Scherer, acadêmica do curso de Pedagogia da UNIVATES, estou realizando uma pesquisa intitulada “ONDE ESTÃO OS BEBÊS? UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL” Este trabalho tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas com os bebês, suas ações e relações com o meio social, pretendendo utilizar esta pesquisa como qualificação do Trabalho de Curso da Pedagogia.

Aceito que meu filho tenha sua imagem utilizada para ilustrar as práticas pedagógicas que é título desta monografia.

Lajeado, 20 de Maio de 2012.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Apêndice 3: Questões da entrevista com professores e direção das escolas

**Entrevista com professores e direção das escolas de
educação Infantil**

- 1-Como funciona a rotina da turma do berçário?
- 2-Quais os espaços planejados em sua aula para a turma dos bebês?
- 3-Esta turma participa dos eventos da escola?
- 4-Existe integração entre a turma dos bebês com as outras turmas da escola?
- 5-Como você vê a saída ou não dos bebês do espaço referência deles?
- 6-Qual é este espaço referência?